Da Alemanha para a floresta subtropical brasileira: as propostas do Dr. Paul Aldinger para as colônias alemãs no sul do Brasil

João Klug

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

KLUG, J. Da Alemanha para a floresta subtropical brasileira: as propostas do Dr. Paul Aldinger para as colônias alemãs no sul do Brasil. In: GERHARDT, M., NODARI, E.S., and MORETTO, S.P., eds. *História ambiental e migrações: diálogos* [online]. São Leopoldo: Oikos; editora UFFS, 2017, pp. 45-62. ISBN: 978-85-64905-68-9. <https://doi.org/10.7476/9788564905689.0004>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Da Alemanha para a floresta subtropical brasileira: as propostas do Dr. Paul Aldinger para as colônias alemãs no sul do Brasil¹

João Klug

Introdução

Em história, tratar de um determinado personagem, implica riscos. Por um lado, podemos exaltá-lo a ponto de abandonar a história e enveredar pela apologia, por outro, corremos o risco de torná-lo uma espécie de personificação do mal. Ambas as posições estão calcadas mais nas paixões e na subjetividade que na análise histórica propriamente dita. São posições extremas das quais o historiador deverá buscar afastar-se, amparando-se no ferramental teórico-metodológico, sempre consciente da carga de subjetividade com a qual terá de lidar, para então, sim, trazer à tona uma contribuição à historiografia.

É a partir destas considerações que pretendo abordar algumas facetas da vida e da ação de Paul Aldinger na colônia Hansa Hamônia e, desta forma, trazer uma pequena contribuição para ampliar o conhecimento da rica e complexa história do Vale do Itajaí. Não pretendo traçar uma biografia, ainda que resumida, de Paul Aldinger, mas compreender a sua importância para a região e o cenário no qual atuou. Compreender, portanto, o cenário, analisando um dos atores. Muitos foram os atores na colônia Hansa Hamônia, e Aldinger foi um destes, que desempenhou importante papel na história da região.

Trata-se de resultados parciais de uma pesquisa ainda em andamento. Aliás, penso que em história toda pesquisa é parcial, pois será impossível ao pesquisador “dar conta” da realidade. Assim, mesmo após “concluída”, a

¹ Texto modificado, originalmente publicado em 2000 sob o título: O Pastor Dr. Paul Aldinger e a Hansa Hamônia. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri. *Visões do Vale*. Perspectivas historiográficas recentes. Blumenau: Nova Letra, 2000.

pesquisa continua sendo parcial, pois novos documentos poderão vir à tona, exigindo que o pesquisador revise suas conclusões, ampliando-as ou refazendo-as.

Parto do princípio de que Paul Aldinger (ou simplesmente Dr. Aldinger, como ficou mais conhecido) foi um desses indivíduos que catalisou as necessidades do momento, tomou importantes iniciativas e imprimiu certo ritmo à história da colônia, deixando fortes marcas de sua passagem pela Hansa Hamônia entre 1901 e 1927.

Paul Aldinger nasceu em 23 de agosto de 1869 em Heutingsheim Ludwigsburg, no então Estado livre de Baden (só em 1954 deu-se a fusão com Württemberg, passando a constituir o atual Estado de Baden-Württemberg).

No período de sua juventude, a Alemanha vivia um momento muito especial de sua história, pois recém havia “costurado” sua unidade política através do chanceler Otto von Bismarck. Uma discussão muito presente então no meio acadêmico dizia respeito à necessidade de a Alemanha possuir ou não colônias, a exemplo das outras potências europeias, aspecto este que o jovem Aldinger via com muito entusiasmo.

Entre 1885 e 1887 estudou Teologia no Seminário Teológico Evangélico de Blaubeuren, continuando seus estudos teológicos na Universidade de Tübingen entre 1888 e 1892. Em 1895 alcançou o grau de Dr. Phil e trabalhou por um breve período ao lado do conceituado historiador Karl Lamprecht, na Universidade de Leipzig. Nesse contexto travou contato com membros da diretoria do *Alldeutscher Verband* (Liga Pangermânica).

Para compreender melhor o contexto no qual o P. Dr. Paul Aldinger veio para Santa Catarina, é necessário levar em conta que em 1896 Friedrich Fabri fundara em Witzenhausen, junto ao Werra, a Sociedade Central Evangélica para Colonos e Imigrantes (*Evangelischer Hauptverein für Deutsche Ansiedler und Auswanderer*), com o objetivo de

[...] criar uma organização que, conseqüentemente, através da prestação de informações e de contínuos cuidados, viesse a estabelecer nossos imigrantes em tais países em que as perspectivas fossem as mais favoráveis, não só do ponto de vista econômico e social, mas também do ponto de vista nacional-alemão e evangélico (SCHLEGTENDAL apud DREHER, 1984, p. 80).

Dreher conclui que a Sociedade estava completamente influenciada pelo movimento colonial alemão e pela ideia da Alemanha maior. Portanto, sua ideologia motriz era o pangermanismo.

De acordo com Lauri Wirth, a vinda de Aldinger para o Brasil tinha duplo propósito. Em primeiro lugar, visava a adquirir experiência *in loco*, para depois colaborar com a *Sociedade Central* na preparação de futuros emigrantes. Em segundo lugar, com o apoio financeiro da referida Sociedade, Aldinger se propunha a fundar uma “escola na selva” (*Urwaldschule*), para receber os recém-egressos da Escola Colonial de Witzenhausen e prepará-los para um trabalho bem-sucedido no subtrópico. Também deveria formar jovens filhos de colonos alemães aqui nascidos, para se tornarem professores nas futuras unidades de ensino da colônia (WIRTH, 1990, p. 66). Esperava-se que a escola assumisse como ponto central de sua tarefa, a manutenção e o desenvolvimento da germanidade evangélica, e, para isso, seria fundamental a presença de colonos que tivessem passado pela Escola Colonial de Witzenhausen, os quais seriam “portadores da legítima cultura alemã e exemplos na região, do trabalho prático, líderes no exterior”.

Lauri Wirth também concorda que estes objetivos estavam em harmonia com o esforço expansionista planejado pelo *Alldeutscher Verband* e pelo *Verein für das Deutschtum im Ausland* – VDA – (Associação para a Germanidade no Exterior) legitimados teologicamente pelo P. Dr. Aldinger, que havia assimilado as ideias de Friedrich Fabri, as quais preconizavam que o sul do Brasil seria o local para estabelecer colônias alemãs. A igreja e toda a ação eclesiástica eram, para Aldinger, um eficiente caminho para levar a termo a proposta de colonização alemã. Igreja e escola seriam, portanto, instituições a serviço de uma causa maior: a preservação da germanidade.

Aldinger e sua atuação no Brasil

Em 1º de maio de 1899, o Dr. Aldinger assumiu o cargo de administrador da Sociedade Central Evangélica para Colonos e Imigrantes, em Koblenz. A seguir, foi também professor na Escola Colonial de Witzenhausen no Werra, perto de Göttingen. Nesta função, viajou bastante por várias regiões da Alemanha, proferindo palestras. No outono de 1900, visitou colonos alemães no sul da Hungria, Bessarábia, Galícia e centro/sul da Rússia (WIRTH, 1990, p. 50).

Em maio de 1901, Aldinger embarcou para o Brasil, após entabular contatos com os trabalhos de colonização que aqui estavam sendo executados ou planejados. Vinha a serviço da Sociedade Colonizadora Hanseática e estava convencido de que a igreja teria que trabalhar em parceria com o

projeto de colonização. Para isso, queria conhecer concretamente os fundamentos da vida numa colônia. Seu plano era adquirir experiência no subtropico da América, com vistas a aplicá-la posteriormente nas áreas alemãs da África. Dessa forma, juntamente com mais 47 imigrantes, Aldinger chegou a Hamônia em 21 de junho de 1901.

Na recém fundada colônia – 1897 (RICHTER, 1992), e com o objetivo de entender o significado de ser um imigrante na floresta subtropical, adquiriu seu lote de terras e lançou mão de machado, facão e enxada, para fazer a terra produzir. Quase 20 anos depois deste início, Aldinger escreveu:

Certamente no começo o horizonte parecia nublado e escurecido. Não seria todo o esforço em vão? Não iria despencar toda a colonização devido à falta de transporte, sem ferrovia? Os índios não se tornariam novamente donos desta terra, expulsando os poucos que resolveram ficar? (ALDINGER, 1920).

Em fins de 1902, Aldinger recebera uma carta confidencial de Hamburgo, comunicando-lhe que a Sociedade Colonizadora estava mal financeiramente e corria risco de falência. Por essa razão, a carta aconselhava-o a desistir de seu projeto, antes da ruína da Sociedade. No entanto, Aldinger questionava: *Não era, justamente agora, o meu dever de pastor ficar?* (ALDINGER, 1920).

A necessidade de compreender o ambiente e o papel de escola e igreja numa colônia

De acordo com Oscar Paret, Aldinger construiu sua casa com suas próprias mãos, à sombra das palmeiras, chamando-a *Palmenhof*. Ela serviria por 25 anos como casa pastoral e escritório de trabalho e estudos. Em 1902, numa assembleia geral dos colonos de Hammonia, Aldinger foi eleito seu Pastor e Inspetor Escolar, assunto com o qual na prática já estava envolvido, pois havia fundado, em 1902, a primeira escola alemã naquela região. Paret também chama a atenção para o fato de que foi possível construir toda a estrutura escolar e eclesiástica sob sua liderança, com os colonos, sem auxílio do Estado, asseverando que, neste processo, o apoio da Alemanha foi muito acanhado (PARET, 1960, p. 50). Em Hamônia, chegou a escrever uma peça teatral para ser representada pelos alunos, intitulada “A Colonização da Hansa”.

Conforme Martin Braunschweig em seu “Relatório de Viagem”, escrito em 1907, nos primeiros três anos, o Dr. Aldinger foi um autêntico

colono que retirava o seu sustento da terra. Com o ingresso de um novo diretor na colônia, o trabalho do Dr. Aldinger “foi descoberto” e a direção, a partir daí, passou a conceder-lhe um subsídio anual. Com isso, era-lhe possível deixar sua atividade agrícola e dedicar-se à organização das escolas, trabalho ao qual se dedicou com afinco e zelo ao longo de sua permanência em Santa Catarina. Inicialmente esse auxílio financeiro foi colocado sob a rubrica “Para o Exercício da Cura d’almas na Forma Representativa de um Pastorado”. No entanto, informa Brauschweig, no início de 1904, a Sociedade Colonizadora Hanseática suprimiu de seu orçamento as despesas com auxílio eclesiástico, razão pela qual Dr. Aldinger passou a receber sob a rubrica “Inspetor Escolar e Conselheiro da Direção da Colônia”.²

Visitando colônias alemãs no Sul do Brasil em 1904, Wilhelm Lacmann se refere a Paul Aldinger como sendo excelente professor e pregador, conforme ele mesmo teve oportunidade de testemunhar. Pelo seu trabalho e estímulo, em pouco tempo a Colônia passou a ter uma igreja e uma associação escolar. Lacmann elogia de forma especial o fato de Aldinger ter criado uma considerável biblioteca com livros doados pelo Império Alemão, “para não deixar o espírito do erro dialogar com os colonos” (LACMANN, 1906, p. 89).

No fim de 1904, havia nove escolas na região da Hansa (quatro em Hamônia) – supervisionadas por Aldinger, que criou naquele ano a “Liga de Escolas da Hansa” (*Schulverband Hansa*), com o objetivo de envolver e conscientizar toda a colônia em relação aos benefícios da educação. Em 13 de agosto de 1905, por exemplo, foi realizado o primeiro “dia da escola” em Hamônia – que se repetiria por vários anos – reunindo 103 alunos e seus pais. Em seu discurso naquele dia, Aldinger destacou que “uma das principais realizações da colônia são as escolas”. Destacou também a presença das duas bandeiras, a alemã e a brasileira, simbolizando que “Não queremos e não podemos esquecer a pátria dos pais, sua língua e sua cultura, mas ao lado disso, temos a necessidade de sermos bons e autênticos brasileiros”.³

Na solenidade, Aldinger elogia também o lema da bandeira brasileira, destacando que “este é também um lema que serve para uma jovem colônia alemã e sua escola”, as quais, portanto, devem abraçá-lo. Na oca-

² EZA – Evangelisches Zentralarchiv – 5/2173 – Braunschweig Reise Bericht, p. 34.

³ BAP (Bundesarchiv Abteilung Potsdam) – AA Nr. 38770.

sião, os alunos com o menor número de faltas e as melhores notas, foram presenteados com livros.

O jornal

Digna de destaque foi sua iniciativa de fundar, em 1904, um jornal para a colônia Hansa, o *Der Hansabote* (O Mensageiro da Hansa), através do qual dava orientação aos colonos sobre os mais diversos temas do seu cotidiano agrícola, bem como informava-os sobre o que se passava pelo mundo, especialmente quando tinha alguma relação com a Alemanha. No entanto, a ênfase do jornal recaía sobre os assuntos eclesiásticos e escolares da colônia.

Ao lado da temática principal, pode-se perceber uma grande variedade de assuntos publicados no *Der Hansabote*, todos de autoria do Dr. Aldinger e que visavam aumentar e modernizar a produção agrícola da colônia. Nestes seus artigos, ele informa sobre os preços dos produtos agrícolas praticados, preços de animais reprodutores de acordo com raça, sexo e idade, nutrição animal, novas variedades genéticas de milho, apicultura, controle de carrapatos nos bovinos etc. Vejamos alguns títulos de artigos que exemplificam este envolvimento com a produção agrícola da colônia:

Uma nova variedade de capim
Indústria de Laticínios da Nova Zelândia – um exemplo para nós
Sobre gado leiteiro
Queijaria
Sobre laticínios
A criação de terneiros
Construção e manutenção de caminhos
Criação de bicho-da-seda
Manjerona – uma planta para exportação
Experimento de cultivo de algodão e luzerna
Cooperativismo

Fica evidente, portanto, que Aldinger foi um grande incentivador da agricultura, fazendo intenso uso de seu *Der Hansabote* para divulgar novas técnicas e propor novas iniciativas nesta área. Cabe frisar, porém, sua quase obsessão pela questão de laticínios. Prova disso foi a introdução da fábrica de laticínios sob sua orientação, que, durante vários anos, foi o sustentáculo econômico da colônia, pois os valores auferidos com a exportação de laticínios, ultrapassam em muito os dos demais produtos. Seus artigos tra-

tam a respeito de tipos de queijo, processos de fabricação, instalações e equipamentos para laticínios, custos de produção, produtividade e lucro etc. Essa realidade e seu empenho na produção e industrialização do leite renderam ao pastor Aldinger o apelido de “pastor queijeiro”.⁴

Considerando a baixa idade da maioria dos colonos da Hansa, é perfeitamente compreensível a alta taxa de natalidade e, conseqüentemente, a alta população em idade escolar. Klaus Richter afirma que em 1903 havia 910 crianças com menos de 12 anos de idade, o que equivalia a 38,3% da população da colônia.

De acordo com o Dr. Aldinger, em dezembro de 1907 Hamônia tinha uma população de 1610 habitantes, dos quais 867 homens e 743 mulheres. Em relação à faixa etária desta população, Aldinger apresenta o seguinte quadro:

Tabela 1: Faixa etária

Faixa etária	Número de pessoas
0 – 1 ano	74
1 – 10 anos	504
10 – 15 anos	201
15 – 20 anos	127
20 – 30 anos	245
30 – 40 anos	233
40 – 50 anos	151
50 – 60 anos	43
60 – 80 anos	28
Acima de 80	04

Fonte: ALDINGER, Paul. *Die ersten zwei Jahrzehnte der Kolonie und Gemeinde Hansa-Hammonia*. Abschiedspredigt in Hammonia am 8 August 1920. Biblioteca Municipal de Ibirama

Em seu quadro estatístico relativo à Hansa Hamônia, Aldinger menciona que 822 pessoas acima de 10 anos são alfabetizadas (dominam a leitura) e 180 são analfabetos, a maioria destes, destaca, são luso-brasileiros.

Quanto à nacionalidade, o quadro da jovem colônia era o seguinte:

⁴ EZA (Evangelisches Zentralarchiv) 5/2510 – Bericht über die gegen Pfarrer Dr. Aldinger – Hammonia chobenen Beschwerden.

Tabela 2: Nacionalidade

Nacionalidade	Número de pessoas
Brasileiros (teutos e luso-brasileiros)	933
Alemães do Reino	496
Austriacos	99
Suíços	26

Fonte: ALDINGER, Paul. *Die ersten zwei Jahrzehnte der Kolonie und Gemeinde Hansa-Hammonia*. Abschiedspredigt in Hammonia am 8 August 1920. Biblioteca Municipal de Ibirama

Quanto ao aspecto religioso, os números apontavam para a presença de 1128 protestantes e 482 católicos. Nesta mesma apresentação de dados estatísticos de Hamônia, Aldinger informa pormenores relativos à situação econômica, enfatizando, mais uma vez e de forma minuciosa, a produção animal (até o número de cães na colônia é mencionado).

Tabela 3: Produção animal

Animal	Quantidade
Vacas de leite	458
Novilhos (as)	526
Touros e bois	36
Cavalos	266
Carroças	50
Porcos	2.117
Cabras	25
Ovelhas	13
Aves	8.174
Colmeias	165
Cachorros	503

Fonte: ALDINGER, Paul. *Die ersten zwei Jahrzehnte der Kolonie und Gemeinde Hansa-Hammonia*. Abchiedspredigt in Hammonia am 8 August 1920. Biblioteca Municipal de Ibirama

A área geográfica de Hansa em 1907 era de 1265 km², sendo que a área efetivamente cultivada somava apenas 10 km² nessa época. Observa-se, portanto, grande quantidade de terras ainda não cultivadas na Hansa. Conforme Aldinger, essa realidade não fugia muito ao contexto, pois que no município de Blumenau como um todo, de uma área de 9.460 km² (área equivalente a mais ou menos a metade do Reino de Württemberg, destaca Aldinger), apenas 721 eram cultivados.

Nesta mesma matéria do *Der Hansabote*, ele faz uma crítica em relação à cobrança de impostos dos governos estadual e federal, afirmando que o ideal para a Hansa seria a isenção de impostos por alguns anos, a exemplo do que fizeram a Imperatriz Maria Theresa do Império Austro-Húngaro e a Imperatriz Catarina da Rússia, em relação às jovens colônias alemãs em seus respectivos domínios. Aproveita também o momento para tecer críticas em relação à atenção dos políticos quanto aos interesses da colônia, advertindo que *deve-se levar em conta que os chefes políticos do Vale do Itajaí não têm dado muita atenção aos interesses da Colônia Hansa* (DER HANSABOTE, 27 jun. 1908).

Através do seu *Der Hansabote*, Aldinger informa que em 1905 a Liga de Escolas da Hansa reunia 11 escolas com 13 professores e 217 alunos, após a fusão dos grupos do Distrito Itapocu (que reunia 04 escolas e 107 alunos) e o Distrito Hercílio (que reunia 07 escolas e 110 alunos). Faz questão de frisar também que os professores eram remunerados, dentro do possível, de forma igualitária, independentemente do número de alunos, e que a localidade de Neubremen recebera do Senado de Bremen a quantia de 500 Marcos, enquanto Hamônia recebera 543 marcos, como apoio à educação. Em seu artigo, Aldinger levanta ainda a seguinte questão:

Alguém poderá perguntar: E o que faz o Estado brasileiro em prol de seus futuros cidadãos nas colônias? Resposta: Nada. Esse prejuízo não é justo (DER HANSABOTE, 17 mar. 1906).

Destaca também uma petição que havia feito em Florianópolis, diretamente ao secretário do governo, a qual resultou na doação de um bom número de livros de português. Na carta de agradecimento pela doação, Aldinger pede apoio financeiro para que os professores pudessem fazer um curso de português em Florianópolis ou em qualquer outro lugar, solicitação esta que não foi atendida. Explica no mesmo artigo que as férias escolares da Liga de Escolas, por ele dirigida, compreendem oito a dez dias no Natal, quatro semanas corridas no período de plantio ou dois períodos de

duas semanas cada. Lamenta que a falta às aulas é grande, o que se deve, em parte, ao mau tempo e, em partes, às lides na lavoura, onde as crianças ajudam ativamente. Destaca que, neste contexto, também as tarefas de casa ficam prejudicadas, o que torna ainda mais difícil a função do professor, somando-se ao fato de que tem de lidar com três ou quatro turmas/níveis, numa mesma sala.

Instalado na *Palmenhof*, Aldinger dirigiu uma escola para formação de professores e de formação agrícola (*Landwirtseminar*), que ele queria transformar num centro de experimentação (*Versuchanstalt*).

Em 1905 foi eleito diretor da Associação de Crédito e Poupança (*Spar und Darlehensvereins*), instituição por ele fundada. Mais tarde, tornou-se também diretor da Caixa de Auxílio Agrícola da Hansa (*Landwirtschaftliche Hilfsverein Hansa*). Ferdinand Schröder aponta ainda para a fundação, nessa mesma época, de uma Sociedade de Ginástica, uma Sociedade de Canto e uma Cooperativa (*Wirtschaftliche Genossenschaft*), sob a liderança de Aldinger. Conforme o autor, os objetivos de Aldinger com a *Palmenhof* no primeiro momento eram:

- Criar uma estação/escola experimental agrícola, onde os imigrantes alemães passariam por um estágio prático;
- Servir como um local para formação de lideranças (masculinas), especialmente de professores coloniais (SCHRÖDER, 1936, p. 291-292).

Destaco que um relatório do consulado alemão de Florianópolis, datado de 29 maio de 1909, indica que o Dr. Aldinger buscava recursos para fundar em Hamônia uma estação experimental agrícola, na qual se desenvolveria uma linha de ensino voltada às questões agrárias. Esta ideia, no entanto, não encontra qualquer respaldo por parte do consulado, o qual alega que já existe uma em Indaial, administrada pelo município de Blumenau, e que não há necessidade desta, planejada por Aldinger. O consulado de Florianópolis, aliás, o critica duramente por isso e também por ter se envolvido diretamente com a ideia de se criar em Stuttgart, uma “Associação para Formação de Colonos Alemães” (*Verein zur Vorbildung deutscher Ansiedler*). Hamônia seria, então, uma espécie de “campus avançado” para todos os que passassem por essa formação.⁵

Em relação à questão escolar, o mesmo relatório critica a rivalidade verificada entre o *Deutscher Schulverein für Santa Catharina* e o *Schulverband*

⁵ BAP (Bundesarchiv Abteilung Potsdam) – AA Nr. 38774.

Hansa criado por Aldinger, pois a primeira instituição citada congregava mais de 70 escolas. Assim sendo, questiona a validade de uma organização escolar paralela, com poucas escolas e que resiste à adesão a uma organização maior. Segundo o consulado, o que estava ocorrendo é que o Dr. Aldinger estava simplesmente impondo suas ideias, o que tornava impossível uma unidade no campo escolar teuto-catarinense.

Oscar Paret afirma também que, em 1905, em função de seu empenho, Aldinger já podia relatar a respeito da instalação de um posto/estação telefônica, bem como sobre o progresso na construção de estradas. Estas iniciativas do pastor Dr. Aldinger causaram mudanças significativas na “fisionomia” da colônia, apontando em direção a um avanço modernizador no contexto da colonização alemã no Estado de Santa Catarina. Em 1906, o governador Lauro Müller visitou a colônia, para verificar *in loco* o progresso da mesma, ocasião em que foi saudado (em português) pelo Dr. Aldinger.

De volta à Alemanha em viagem de férias (1908), proferiu palestras por todo o território do Reich, buscando apoio especialmente para as questões relativas à escola e à igreja, pois em sua concepção eram instituições-chaves para o desenvolvimento material e cultural da colônia, bem como para a manutenção do *Deutschtum*. Também escreveu para vários jornais e revistas, sobre os mais variados assuntos. No *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (*Almanaque para os alemães no Brasil*), por exemplo, publicou em 1913/1914, ensaios sobre Auguste Comte e suas ideias (*Auguste Comte e seus ensinamentos, positivismo ou comtismo*). Da mesma forma, por longos anos, colaborou com artigos para o *Christenbote – Monatsblatt für die deutschen evang. Gemeinden in Santa Catharina und Mittelbrasilien* (*Folha Mensal para as Comunidades Evangélicas Alemãs em Santa Catarina e no Brasil Central*).

A seu respeito, o deputado federal por Santa Catarina, Lebon Régis, não poupa elogios, quando em 1917 discursa na Câmara com o objetivo de afastar os temores relativos ao “perigo alemão” que havia se instalado nesse Estado. Aldinger é mencionado como exemplo de alguém que não mede esforços para inteirar-se da cultura nacional. Assim o deputado a ele se refere:

Dos pastores protestantes alemães do meu Estado, Sr. Presidente, devo destacar um, o Dr. Aldinger exerce o cargo de Inspetor das escolas mantidas pela Sociedade Colonizadora Hanseática, na colônia Hansa. Entendeu que devia saber português, estudou-o teoricamente, e, durante as férias escolares, em anos sucessivos, viajou, muitas vezes a pé, pelos núcleos de população nacional, a fim de praticar nosso formoso idioma, como me dizia ele.

Fez mais ainda: fez com que dous de seus professores, o Dr. Müller e o Sr. Jené, estudassem também a nossa língua, e, quando os julgou habilitados teoricamente, por meu intermédio, solicitou um auxílio ao governo do Estado, para que pudesse residir algum tempo na capital e adquirir a prática necessária de nossa língua. O auxílio foi concedido, os professores estiveram por mais de dous mezes na capital; iam todos os dias, duas vezes à minha casa, e lá ficavam das sete às dez da manhã e das sete às dez da noite, lendo ou conversando em portuguez; ouviam as aulas da Escola Normal e ainda achavam tempo para ir à casa do professor de portuguez (REGIS, 1917, p. 13).

Em 1920, Aldinger foi substituído no pastorado, passando a ocupar-se basicamente com as questões escolares, colaborando de várias formas, especialmente auxiliando as escolas alemãs a se adaptarem às novas determinações do governo brasileiro. Neste sentido, organizou, em 1921, a 1ª Conferência de Professores e Diretorias Escolares, na localidade de Neubremen, tendo como ordem do dia três assuntos:

- A forma de organizar o horário escolar
- O significado do ensino religioso;
- A prova de português.⁶

Ao mesmo tempo, ocupou-se também com a história da germanidade no Brasil. Em sua obra “A Contribuição Teuta à Formação da Nação Brasileira”, Oberacker afirma que o Dr. Aldinger foi o primeiro autor a levantar a necessidade de uma pesquisa na área da história, enfocando a contribuição alemã ao desenvolvimento geral brasileiro. Neste sentido, Aldinger concebeu um pequeno volume em 1923, *Deutsche Mitarbeit in Brasilien*, como primeira tentativa de uma exposição generalizada do trabalho alemão no Brasil, retomada em 1955 por Oberacker, o qual declara que, na sua obra, procura dar *forma ao pensamento do Dr. Aldinger* (OBERACKER, 1985, p. 28-29). Na lista que Oberacker elabora, daqueles que se salientaram no estudo da contribuição germânica, Paul Aldinger aparece em primeiro lugar.

A pesquisa, de fato, revela que Aldinger foi um escritor fecundo. Além dos variados temas abordados no *Der Hansabote*, publicou textos, tais como: “O Imperador Dom Pedro II como filho de uma mãe alemã”; “Dr. Lauro Müller, estadista brasileiro, descendente de alemães”; “A mulher alemã no Brasil”; “A questão escolar no Estado de Santa Catarina”; “100 anos de

⁶ EZA (Evangelisches Zentralarchiv) – 5/2515 – Die Kirchliche Angelegenheit der deutschen evangelischen Gemeinden Hansa- Hammonia – ab Mai 1903.

germanismo em São Paulo”; “No navio emigrante. Dois discursos dominicais”; “O Vale do Itajaí”; “A Colonização alemã na mata virgem brasileira de Blumenau e Hansa”; “A questão indígena. A expedição de repreensão aos bugres”; “A questão dos nativos”; “Investigações sobre Major Schäffer”, entre outros.

Cabe sublinhar que as opiniões e juízos em torno do Dr. Aldinger eram bastante contraditórios, pois a documentação aponta desde um “en-deusamento” até uma “satanização” de sua pessoa. Em 1912, portanto após 10 anos de vivência na Colônia Hansa, pesava contra o Dr. Aldinger uma série de acusações. Era considerado por alguns um maníaco, que tem mania de grandeza com seus projetos e ideias em relação à colônia. Acusam-no também de social-democrata, que hasteia a bandeira vermelha; de que pisou sobre sua promessa de ordenação, pois tornou-se um pastor da Igreja Unida, abandonando a liturgia luterana e adotando a unida, especialmente no que tange ao Batismo, através da forma “Te batizo na mesma fé de teus pais...”. De forma anônima, uma pessoa chegou a publicar num jornal, que sentia vergonha de ser considerado alemão ao lado de uma pessoa como o Dr. Aldinger. O Jornal *Deutsche Zeitung*, de São Paulo, o chama de “envenenador de poços” em relação aos interesses alemães.⁷

Martin Braunschweig, representante do Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, elabora, em 1912, um longo relatório encaminhado ao Consistório Real Evangélico (*Königliches Evangelisches Konsistorium*) de Stuttgart, com o significativo título “Relatório sobre as queixas levantadas contra o Pastor Dr. Aldinger – Hamônia”. No relatório, esta autoridade eclesiástica confirma que Aldinger é um

[...] fantástico sonhador que não hesitou em investir sua vida na realização de seus sonhos e que seu sonho principal era, e continua sendo ainda hoje, iniciar juntamente com os fundadores da Hansa, uma nova fase da história da colonização agrícola no sul do Brasil, na qual ele se sentia vocacionado de maneira especial.⁸

Basicamente, as queixas levantadas contra Aldinger se prendiam a três pontos:

⁷ EZA (Evangelisches Zentralarchiv) 5/2510 – Die deutsche evangelische Gemeinde in der Kolonie Hansa ab Dez. 1912.

⁸ EZA (Evangelisches Zentralarchiv) 5/2510 – Bericht über die gegen Pfarrer Dr. Aldinger – Hammonia erhobenen Beschwerden. Porto Alegre, den 28 März 1912.

- 1) Sua conduta/relacionamento em relação a sua governanta;
- 2) Sua conduta em relação à propaganda em torno da Escola Colonial e de Hansa em geral;
- 3) Sua conduta em relação ao antigo diretor da colônia, Mörsch.

Quanto ao primeiro aspecto, afirma Braunschweig, a acusação não se fundamenta, o que é comprovado até por inimigos do pastor. Na realidade, “esta senhora foi retirada da lama juntamente com seus filhos, através do pastor Dr. Aldinger” e agora, “mantém este solteirão totalmente sob o seu chinelo”. Da mesma forma, para Braunschweig não há nada que comprove o fato de que Aldinger tenha feito qualquer propaganda enganosa em relação a sua Escola Colonial e a Hansa em geral. Sobre o terceiro aspecto, existe a acusação de que ele estaria inteiramente na dependência do antigo diretor da colônia, Mörsch, o qual, segundo Braunschweig, era comprovadamente desqualificado em termos morais, e que o estreito relacionamento de Aldinger com esta pessoa o colocava também sob suspeita de incorrer nas mesmas práticas.

Conforme o parecer de Braunschweig, este contato de Aldinger com o diretor Mörsch deve ser entendido como uma forma dele conseguir apoio para realizar os seus sonhos – Aldinger chegou a tomar 300\$000 emprestados de Mörsch – o que não afetou em nada seus deveres como pastor evangélico frente à comunidade. Tratava-se de um relacionamento de conveniência, com vistas à execução de seus planos, pois, se os dois entrassem em desacordo ou se combatessem mutuamente, a colônia como um todo seria a maior prejudicada. De acordo com Braunschweig, um grande número de colonos de Hamônia era de social-democratas, os quais se encontravam em renhida luta contra a Sociedade Colonizadora Hanseática e sua prática capitalista, desconsiderando muitos aspectos humanos da colonização, explorando os colonos em seus direitos.⁹

Em função dos problemas econômicos, sociais e também psicológicos que afligiam os colonos, em 1901 foi fundada uma “Liga de Colonos” (*Kolonistenbund*), sob a liderança de Julius Radeck, maquinista oriundo de Hamburgo. Em 1904 foi substituído na liderança por Karl Keim, que fora sapateiro em Munique, acusado pelo diretor Mörsch de ter sido, lá, um “agitador social-democrata”. A este respeito, Klaus Richter relata:

⁹ Idem.

Os dois líderes, portanto, representavam o grupo de colonos recém vindos da Alemanha, oriundos de grandes centros urbanos e criados em profissões especializadas artesanais ou industriais. [...] vindos de um ambiente metropolitano e dinâmico, ao que parece, haviam sido politizados pelo movimento operário social-democrata, não se conformavam. Reinvidicavam participação na direção da colônia, o que, claro está, lhes foi negado. No auge, o movimento, segundo Mörsch, teria reunido uns 140 membros, 30 dos quais militantes, todos eles colonos imigrados da Alemanha (RICHTER, 1992, p. 77).

Dadas as grandes diferenças internas entre os radicais e os moderados, o Kolonistenbund em 1906 já estava em declínio (RICHTER, 1992, p. 78).

Estes colonos, portanto, não entendiam o silêncio de seu pastor frente ao diretor Mörsch e sua forma desumana de administrar. Assim, as queixas contra o pastor foram se avolumando na imprensa. No entanto, este não as rebateu, o que foi uma decisão acertada, segundo Braunschweig, pois *quem quer desenvolver um trabalho eclesiástico no sul do Brasil, precisa aprender a abrir mão de um bom nome*.

Neste contexto, o Consistório Real Evangélico chegou a perguntar se a demissão do pastor Aldinger viria ao encontro do interesse e do prestígio da Igreja Evangélica Alemã no Brasil, ao que Braunschweig responde com enfático “não”. Ao contrário, esclarece que recomendou a comunidade de Hamônia junto ao Diretório Central da Fundação Evangélica Gustavo Adolfo de Leipzig, no sentido de que esta continuasse seu apoio financeiro à colônia.¹⁰

Pelo que se pode deduzir da análise documental, parece que Aldinger tinha considerável facilidade em carrear recursos para a colônia Hamônia. Lauri Wirth afirma que as fontes de recursos para seus projetos, Aldinger buscava junto a: Sociedade Colonizadora Hanseática; Consistório Evangélico (Württemberg); Conselho Superior Eclesiástico de Berlim; Associação para a Germanidade no Exterior (VDA) – Grupo Hamburgo (WIRTH, 1990. p. 69).

A questão indígena e a colônia

Polêmica, também, foi a postura de Aldinger frente à complexa questão relativa aos indígenas que habitavam a região da Hamônia. Em 1904,

¹⁰ EZA 5/2510 – Bericht über die gegen Pfarre Dr. Aldinger – Hammonia erhebenen Beschwerden. Porto Alegre, den 28 März 1912.

por exemplo, Aldinger tomou parte de uma expedição contra os “bugres”, embora ele mesmo não se considerasse um *caçador de bugres*, mas, sim, um *missionário entre os bugres*. Mais tarde contratou, às suas custas, um grupo para *fazer um reconhecimento da floresta*, guardando, no entanto, significativa distância dos círculos blumenauenses, que defendiam a ideia de que os nativos seriam mais rapidamente domesticados mediante o rápido avanço do front colonizador, com ferrovias e estradas, a exemplo de outros países (WIRTH, 1990, p. 51). Paret confirma esta expedição de Aldinger para a região habitada pelos indígenas, ressaltando, no entanto, que os seus resultados não eram conhecidos.

Em 1910 e 1911, a “questão indígena” novamente ocupava espaço, em virtude dos ataques contra colonos. Aldinger utilizou então o *Der Hansabote*, através do qual recomendava que se buscasse uma solução pacífica para o problema. Nesse sentido, participou de uma expedição com o Dr. Abbot, na região do alto Rio Hercílio, ocasião na qual foi descoberto novo afluente deste rio, batizado de “Rio Aldinger”. Segundo Paret, a ação de Aldinger foi fundamental para que se estabelecesse um caminho de paz com os indígenas, mobilizando todos os esforços para instalar um posto “missionário/cultural” nos limites da colônia.

O retorno à Alemanha

Sua atuação na colônia Hansa se estendeu até 1927, quando regressou à sua pátria. Paret lembra que em 1902 Aldinger havia começado com uma modesta escola com 15 alunos e uma comunidade eclesiástica que somava 50 membros. Após 25 anos de atividade, deixava uma Liga Escolar composta por 25 escolas, com mais de 1.000 alunos e duas grandes comunidades eclesiásticas que contabilizavam mais de 6.000 membros (PARET, 1960, p. 53). Schröder indica 11 comunidades eclesiásticas em 1929, fundadas por Aldinger nesta área, e 31 escolas frequentadas por 1.266 alunos. Os números relativos à questão eclesiástica são, portanto, bastante díspares (SCHRÖDER, 1936, p. 292).

No seu retorno à Alemanha ainda foi pastor na localidade de Kleinbottwar, onde trabalhou por 17 anos. Nesse período, ao lado de sua função pastoral, sempre se dedicou ao fortalecimento do *Deushtum* no exterior, através da imprensa, de palestras e como colaborador do *Deutsches Ausland Institut (Instituto Alemão p/ o Exterior)* em Stuttgart. Chegou a propor, em

1928, a criação de uma colônia na região de Hansa-Hamônia, composta exclusivamente por colonos da Suábia e da Francônia, chegando mesmo a definir um nome para este núcleo: *Bobidura*. A ideia não foi avante, devido à situação pouco favorável da Alemanha naquele período. Paret informa ainda que, em 1943, Aldinger dera uma palestra na Sociedade de História de Ludwigsburg, sobre o tema “Suábios no Brasil”.

Aldinger faleceu em 30 de dezembro de 1944, aos 75 anos de idade, vítima de um derrame cerebral (*Schlaganfall*).

Em seu amplo estudo em torno da formação da Igreja Evangélica no Brasil, Prien conclui, com base no “relatório Brauschweig” e na obra de Schröder, que Aldinger foi um “legítimo pioneiro, como missionário, pastor, professor e colaborador no processo de desenvolvimento da região” (PRIEN, 1989, p. 81).

De fato, é possível verificar um vasto material no qual o pastor Dr. Aldinger toma uma série de iniciativas que, efetivamente, imprimem uma fisionomia *sui generis* à Hamônia. Sua atuação e influência, somadas às especificidades desta colônia, apontam para a necessidade de se pesquisar as pessoas que exerceram liderança nos vários núcleos de colonização e as particularidades de cada núcleo. A simples generalização significa perda e desconhecimento de uma riquíssima história regional que precisa vir à tona.

Referências e fontes

ALDINGER, Paul. *Das Itajahy-Tal*. Deutsche Siedlung im brasilianischen Urwald. Blumenau und Hansa. Hamburg: O. J.

ALDINGER, Paul. *Die ersten zwei Jahrzehnte der Kolonie und Gemeinde Hansa-Hammonia*. Abschiedspredigt in Hammonia am 8 August 1920. Biblioteca Municipal de Ibirama.

BREITENBACH, W. *Aus Südbrasilien – Erinnerungen und Aufzeichnungen*. Brackwede i. W.: Verlag von W. Breitenbach, 1913.

DELHAES-GUENTHER, Dietrich von. Einwanderung, Akkulturation und Ethnische Rivalität zu Beginn des 20. Jahrhunderts in Brasilien. In: *Lateinamerika Studien – Aktuelle Perspektiven Brasiliens*. München, 1979, nr. 4.

DER HANSABOTE, Blumenau, 1904-1908. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (AHJFS).

DREHER, Martin N. *Igreja e Germanidade: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

LACMANN, Wilhelm. *Ritte und Rasttage in Südbrasilien*. Berlin: Verlag Dietrich Reimer, 1906.

OBERACKER, Carlos H. Jr. *A Contribuição teuta à formação da nação brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1985.

PARET, Oscar. Dr. Paul Aldinger von Heutingsheim: 1869-1944. Pfarrer und Kolonist. Ein Pionier des Deutschtums in Brasilien. In: *Ludwigsburger Geschichtsblätter*. XIX, 1960.

PRIEN, Hans-Jürgen. *Evangelische Kirchwerdung in Brasilien: von den deutsch-evangelischen Einwanderergemeinden zur Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien*. Gütersloh: 1989.

REGIS, Lebon. *O perigo alemão e o problema do ensino em Santa Catarina*. Discurso pronunciado na sessão de 8 jun. 1917 pelo Deputado Lebon Regis. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1917.

RICHTER, Klaus. *A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau*. Florianópolis/Blumenau: UFSC/FURB, 1992.

SCHRÖDER, Ferdiand. *Brasilien und Wittenberg*. Ursprung und Gestaltung deutschen evangelischen Kirchentums in Brasilien. Berlin/Leipzig: Verlag Walter de Gruyter & Co, 1936.

SELLIN, A. W. *Landeskunde der Vereinigten Staaten von Brasilien*. Für Deutsche Schulen in Brasilien. Hamburg: Verein für das Deutschtum im Ausland – Ortsgruppe Hamburg, 1911.

WIRTH, Lauri E. *Protestantismus und Kolonisation in Brasilien*. Erlangen: Verlag der Ev.-Luth. Mission, 1990.